

Banco Central já prepara troca dos "bradies"

Governo pretende "limpar" o mercado dos títulos da dívida externa; Gustavo Franco diz que Brasil não seguirá modelo mexicano

por Maria Clara R. M. do Prado
de Londres

O Banco Central já se prepara para realizar operações formais junto ao mercado internacional de troca da dívida externa velha – representada pelos chamados "bradies" – por novos papéis que possam oferecer melhores condições de prazo e de custos. As operações, semelhantes à que o México realizou recentemente, podem ser realizadas ainda este ano: conforme admitiu ontem em entrevista o diretor da área internacional do BC, Gustavo Franco, dependendo apenas da aprovação do Senado Federal.

É a primeira vez que o diretor do BC admite, em público, a firme

intenção do País em partir para o "swap" (troca) da dívida externa. Vários são os motivos, mas o principal deles é limpar o mercado, o máximo possível, dos "bradies" cuja imagem está associada à crise da dívida externa ocorrida nos anos 80. São papéis em geral negociados com altas taxas de desconto e que acabam contaminando os custos das emissões da nova captação.

Franco sinalizou que o Brasil necessariamente não seguirá o mesmo modelo da operação mexicana – foram recomprados em mercado papéis atrelados à garantia em títulos norte-americanos com o objetivo de vender o colateral no mercado e fazer cai-

xa para que o México pudesse quitar dívidas de curto prazo –, porque tem uma estrutura de "bradies" diferente, com papéis de longo prazo, como, por exemplo, o C-bond – "capitalization bond" –, que não tem colateral e é um papel que tem liquidez no mercado.

"Existem várias maneiras de fazer (a troca) e poderemos explorar outras alternativas", disse ele, indicando que o BC começará a operar na arbitragem entre a dívida velha e a dívida nova assim que "o Senado deixar".

Ontem, Franco cumpriu em Londres mais uma etapa da estratégia do governo em tornar a República Federativa do Brasil mais conhecida no exterior através da colocação de bônus, mesmo que em pequenas quantidades. Depois de ter passado por Genebra na terça-feira e por Edimburgo (Escócia) na quarta-feira, o diretor realizou ontem a última fase do "road-show", apresentação aos investidores – como parte do processo de venda dos bônus de três anos de prazo, deno-

minados em libra esterlina, no total de 100 milhões de libras (US\$ 150 milhões).

Ele indicou a este jornal que espera nesta colocação um "spread" na faixa de 250 pontos básicos sobre a taxa do Tesouro. Se for efetivamente observada, a República terá tido um grande avanço em termos de custo na venda de seus papéis.

Como se recorda, o "spread" conseguido com a emissão dos euroíenes, no ano passado, foi de 400 pontos básicos. Depois veio a emissão denominada em marco alemão, que representou um custo de 385 pontos.

Mais recentemente houve a emissão em escudos portugueses, envolvendo o equivalente a US\$ 80 milhões, cujo "spread" foi de 240 sobre um juro flutuante, já que este



Gustavo Franco

papel ficou referenciado à variação da "lisa-bor", a taxa praticada no interbancário de Lisboa. Se comparada com a taxa do Tesouro norte-americano para três anos, o "spread" do papel em escudos ficou na faixa entre 265 e 270 pontos básicos.

O Hong-Kong and Shanghai Bank (HS-BC) Markets Ltd., líder da operação, espera fechar o sindicato

de bancos dentro dos próximos cinco dias úteis, conforme informou ontem a este jornal seu diretor, Richard Tickner. O lançamento do bônus, portanto, deve acontecer por volta de sexta-feira próxima.

O banco já recebeu só de Hong-Kong e Cingapura ordens de compra de mais de 15% do valor da operação, mas há expectativa de que também sejam efetuadas vendas na Co-

reia. Na Grã-Bretanha, o papel deve ser colocado substancialmente junto a investidores institucionais, enquanto o perfil do comprador na Europa Continental deverá ser mais concentrado em administradores de fundos, com exceção para a área do Benelux e Alemanha, onde se vislumbra ser possível colocar algum papel no mercado varejista, junto a pequenos investidores.

Franco sinalizou a este jornal que novas emissões da República estão sendo programadas para os próximos meses – podendo envolver a lira italiana ou mesmo dólares –, sempre dentro da estratégia de firmar o nome do Brasil no exterior e criar um padrão para o custo de captação do País. Desse modo, vendendo a imagem do Brasil nos "road-shows" associados às emissões de títulos da República, Franco acha que será possível influenciar para que as agências de classificação de risco de crédito passem a referendar a melhoria da situação econômica brasileira.